

FRONTEIRAS DO MEDO: A RETÓRICA DA AMEAÇA COMO INSTRUMENTO POLÍTICO CONTRA IMIGRANTES INTERNACIONAIS

César Augusto Silva da Silva¹
Isabela Ferreira Carneiro Lobo²

O medo é um sentimento que tem sido cada vez mais explorado por grupos de influência nas sociedades contemporâneas. Um dos medos mais explorados politicamente é o medo contra imigrantes internacionais. Por meio de discursos extremistas securitários, são criadas verdadeiras narrativas nas quais os imigrantes representam uma ameaça às sociedades receptoras. Nesse cenário, os discursos de ódio assumem papel crucial, pois são responsáveis pelo fomento da xenofobia e do sentimento de aversão aos imigrantes. A exploração política dessas estratégias é utilizada para consolidar poder político e avançar agendas, geralmente ligadas ao controle rígido de fronteiras. Entender como funcionam esses mecanismos é de suma relevância e se consubstancia no principal objetivo deste trabalho. Para cumprir tal objetivo, utilizou-se das abordagens teóricas de Zygmunt Bauman, Albert Hirschman e Barry Glassner, com base em metodologia dedutiva, qualitativa, com levantamento bibliográfico e análise de documentos. Chega-se à conclusão da atualidade dessas estratégias políticas extremistas colocadas em prática em vários países do mundo ocidental.

Palavras-chave: medo; ameaça; exploração política; fronteiras nacionais; imigrantes.

FRONTIERS OF FEAR: THE RHETORIC OF THREAT AS A POLITICAL INSTRUMENT AGAINST INTERNATIONAL IMMIGRANTS

Fear is a feeling that has been increasingly exploited by influential groups in contemporary societies. One of the most politically exploited fears is the fear of international immigrants. Extremist security discourses create true narratives in which immigrants represent a threat to host societies. Hate speech plays a crucial role, as it is responsible for fostering xenophobia and feelings of aversion to immigrants. The political exploitation of these strategies is used to consolidate political power and advance agendas, generally linked to strict border control. Understanding how these mechanisms work is of utmost importance and is the main objective of this work. To achieve this objective, the theoretical approaches of Zygmunt Bauman, Albert Hirschman and Barry Glassner were used, based on deductive, qualitative methodology, with bibliographical research and document analysis. The conclusion is that these extremist political strategies, implemented in several countries around the western world, are still relevant today.

Keywords: fear; threat; political exploration; national borders; immigrants.

1. Professor associado da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Fadir/UFMS); e doutor em ciência política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8537-4401>. E-mail: cesar.a.silva@ufms.br.

2. Técnica judiciária do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná; e mestranda do Programa Fronteiras e Direitos Humanos da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5545-7496>. E-mail: isabelafcl@outlook.com.

FRONTERAS DEL MIEDO: LA RETÓRICA DE LA AMENAZA COMO INSTRUMENTO POLÍTICO CONTRA LOS INMIGRANTES INTERNACIONALES

El miedo es un sentimiento que ha sido cada vez más explotado por grupos influyentes en las sociedades contemporáneas. Uno de los temores más explotados políticamente es el miedo a los inmigrantes internacionales. A través de discursos de seguridad extremistas, se crean verdaderas narrativas donde los inmigrantes representan una amenaza para las sociedades receptoras. Los discursos de odio desempeñan un papel crucial, ya que son responsables de alimentar la xenofobia y los sentimientos de aversión hacia los inmigrantes. La explotación política de estas estrategias se utiliza para consolidar el poder político y promover agendas, generalmente vinculadas a un estricto control fronterizo. Comprender cómo funcionan estos mecanismos es extremadamente importante y es el principal objetivo de este trabajo. Para lograr este objetivo, utilizamos los enfoques teóricos de Zygmunt Bauman, Albert Hirschman y Barry Glassner, basados en una metodología deductiva, cualitativa, con levantamiento bibliográfico y análisis de documentos. Concluye que estas estrategias políticas extremistas se aplican actualmente en varios países del mundo occidental.

Palabras clave: miedo; amenaza; explotación política; fronteras nacionales; inmigrantes.

JEL: K; K3; K37.

DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/rtm35art3>

Data de envio do artigo: 29/9/2024. Data de aceite: 4/11/2024.

1 INTRODUÇÃO

O medo é um sentimento humano antigo e que ao longo dos tempos tem sido abordado e explorado das mais diversas formas. Na atualidade, dada a fluidez da sociedade e das relações sociais (sociedade líquido-moderna de Zygmunt Bauman), o medo tem se transformado em um sentimento de insegurança rotineira. Em todos os momentos aparecem novos medos sem que os antigos necessariamente sejam esquecidos.

Nesse contexto, determinados grupos políticos, a mídia e algumas instituições têm se aproveitado para explorar, politicamente, o medo e a sensação de insegurança sentida pelas pessoas nas sociedades contemporâneas. Um dos medos cuja exploração política vem se intensificando nos últimos anos é o medo dos imigrantes internacionais. Mediante estratégias de retórica distorcida, grupos políticos têm manipulado informações que despertam o medo em relação aos imigrantes. Há um verdadeiro aparato para a criação de uma ameaça, no caso, uma falsa ameaça. A intenção desses grupos de influência é justamente a consolidação de seu poder e a tentativa de fazer avançar suas agendas políticas em torno da securitização migratória e da rigidez no controle de fronteiras nacionais. Nesse processo, destacam-se os discursos de ódio que possuem um papel fundamental na exclusão social e política dos imigrantes internacionais, alimentando a xenofobia e os estereótipos sobre essas pessoas.

Este artigo tem como objetivo principal explicar quais as principais estratégias para a exploração política do medo contra imigrantes, demonstrando como os discursos de ódio (racismo, xenofobia, discriminação religiosa, misoginia) podem ser utilizados para a propagação desse medo e gerar um sentimento de repulsa em relação a esse grupo. Desse modo, pretende-se responder à seguinte pergunta, objeto deste trabalho: de que forma a exploração política do medo contra imigrantes é utilizada enquanto agenda política eleitoral nas sociedades ocidentais contemporâneas?

Espera-se que as informações apresentadas neste trabalho incentivem pesquisas sobre o tema e o desenvolvimento de políticas públicas que visem à inclusão do imigrante na sociedade, bem como à convivência multicultural de todos. Para a abordagem do objeto proposto, será realizada uma breve contextualização sobre o medo nas sociedades contemporâneas, sob a perspectiva majoritária do sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Na sequência, serão apresentadas estratégias de exploração política do medo contra imigrantes, bem como exemplos reais de exploração, a partir da retórica da ameaça, com abordagem das teorias de Barry Glassner (cultura do medo) e Albert Hirschman (teoria da reação), as quais, no limite, culminam em reações negativas por parte da sociedade contemporânea consubstanciadas em discursos de ódio. Por último, serão abordadas as consequências negativas desse tipo de estratégia política para a convivência multicultural.

Nesse sentido, partindo-se dos fundamentos de Marconi e Lakatos (2022), no que diz respeito aos procedimentos metodológicos, o estudo em questão se caracteriza como bibliográfico e de análise documental, uma vez que se utilizou de materiais publicados em livros, documentos, artigos e trabalhos relacionados ao tema abordado, de maneira qualitativa. Também se caracteriza como exploratório, visto que busca ampliar os estudos da temática para futuras pesquisas neste âmbito.

2 O MEDO NA SOCIEDADE LÍQUIDO-MODERNA E O ÓDIO CONTRA IMIGRANTES

O medo talvez seja um dos sentimentos humanos mais primitivos. É um sentimento que toda criatura viva conhece. Nesse ponto, os seres humanos compartilham essa experiência com os animais. Enquanto nos animais o sentimento de medo representa uma ameaça presente, capaz de colocar em risco suas vidas, para os seres humanos há algo que vai além disso, uma espécie de medo secundário, como o sentimento de ser suscetível ao perigo, uma sensação de insegurança (Bauman, 2012, p. 7).

O medo influencia diretamente os comportamentos sociais e esteve presente, em alguma medida, em diversos períodos históricos. Na antiguidade, ele era direcionado às divindades, de modo que oferendas eram necessárias a fim de que os deuses não punissem as pessoas. Já durante a Idade Média, houve, verdadeiramente,

um processo de internalização do medo, com a criação do medo do demônio e a existência do pecado (Delumeau, 1989, p. 26-27).

Se em um passado não tão distante os homens tinham medo de deuses, do diabo e do pecado estabelecido pelas religiões, a modernidade trouxe medos até então desconhecidos e novos: barris de petróleo que secam, bolsas de valores em colapso e desempregos. Na sociedade líquido-moderna em que vivemos, segundo a definição de Bauman (2012, p. 9), o inventário de perigos nunca acaba, sempre há novos perigos a serem descobertos, sem que possamos saber quantos e de que tipo são.

De acordo com Bauman (2012, p. 57), “o medo e o mal são irmãos siameses. Não se pode encontrar um deles separado do outro. Ou talvez sejam apenas dois nomes de uma só experiência – um deles se referindo ao que se vê e ouve, o outro ao que se sente”. Além disso, na visão do sociólogo, o mal se tornou algo banal, algo que pode estar oculto em qualquer lugar, pois não se destaca na multidão: “todos podem estar a seu serviço, ser seus reservistas em licença temporária ou seus potenciais recrutas”. E a grande consequência dessa descoberta é a crise de confiança (Bauman, 2012, p. 69).

As pessoas têm confiado cada vez menos umas nas outras, de modo a transformar as relações humanas em verdadeiros campos de batalha, onde é muito mais seguro não confiar em ninguém, pois, a qualquer momento, alguma delas pode ser recrutada para o mal e estar propensa a traições.

O mais comum é atribuir a maldade para outras pessoas. Isso porque quase ninguém reconhece a maldade em si, embora possa estar lá. Tal atitude pode ser compreendida como uma forma de defesa do ego humano, para que a pessoa se sinta como um exemplo de bondade e de moralidade, enquanto todos os outros seriam deturpados. A verdade, entretanto, é que toda a maldade de nosso inconsciente é projetada no outro (Roudinesco, 2008, p. 158). Logo, se estamos acostumados a ver o mal nos outros, como consequência, também temos medo do “outro”, do “outsider”, daqueles completos estranhos que batem à nossa porta (Bauman, 2017, p. 13-14).

Esse medo do outro associa-se ao medo daquilo que é diferente de nós. Temos medo do que não conhecemos. E, esse medo, facilmente, leva à intolerância e à discriminação. Segundo Eco (2020, p. 32), a intolerância possui raízes biológicas, manifestando-se entre os animais como forma de territorialidade, e se baseia em relações emocionais (por vezes, superficiais). Desse modo, não suportamos aqueles que são diferentes de nós porque têm cor de pele diferente da nossa, porque falam

uma língua que sequer compreendemos, porque comem rãs, cachorros, macacos, ou porque usam tatuagens. Ainda segundo o autor,

a intolerância em relação ao diferente ou ao desconhecido é natural na criança, tanto quanto o instinto de se apossar de tudo o que deseja. A criança é educada para a tolerância pouco a pouco, assim como é educada para o respeito à propriedade alheia – antes mesmo do controle do próprio esfíncter (Eco, 2020, p. 32).

A sensação de insegurança sentida pelas pessoas no mundo é enorme e é cada vez mais explorada pelos governos nacionais. De acordo com Jacques Rancière, o que os governos mais sabem fazer não é gerir a segurança, mas, sim, o sentimento de insegurança (Aeschimann, 2016).

Um medo cada vez mais explorado por determinados grupos políticos é o medo dos imigrantes internacionais. Nos últimos anos, verificou-se um aumento de movimentos migratórios, o qual pode ser explicado pela instabilidade de Estados, enfraquecidos por crises políticas, sociais, territoriais e econômicas, ou, ainda, sendo o centro de conflitos armados que disputam o poder. Esses Estados não são capazes de administrar desafios ligados aos fluxos migratórios internacionais, pairando sobre eles um estatismo de ingerência local (Bauman, 2017, p. 9).

Os imigrantes, tratados como “excedentes” e como “indesejáveis”, enfrentam uma estigmatização na sociedade em que se inserem após longos processos de recepção, regulamentação e enquadramento social. O processo de estigmatização, de acordo com Becker (2009, p. 19), ocorre no seio da sociedade, por meio do qual grupos sociais criam regras de comportamento. A infração a essas regras constitui um “desvio”, de modo que as pessoas que não se encaixam nessas regras sociais são rotuladas como “desviantes” ou “*outsiders*”.

Na visão de Elias e Scotson (2003, p. 23), os grupos estigmatizados seriam compostos por pessoas de “menor valor”, pessoas que seriam rotuladas como “inferiores” por um outro grupo, que faria valer suas funções. Os *outsiders* seriam justamente as pessoas de fora, que não são dignas de reconhecimento em um determinado grupo social. O estigma social sofrido pelo imigrante está associado a uma ideia que o coloca como o “outro”, aquele que não é pertencente ao grupo dos nacionais, o “diferente”, o “*outsider*” no novo contexto social.

A modernização da sociedade foi responsável pelo aprimoramento do processo de estigmatização desses imigrantes internacionais, que agora aparece repaginado, ressignificado nos chamados discursos de ódio advindos das redes sociais, por exemplo. Um discurso de ódio está relacionado com proferir palavras que tendem a insultar, intimidar ou, ainda, assediar pessoas em razão de sua raça, cor, etnia, nacionalidade, sexo ou religião, mas que também são capazes de incentivar a violência, o ódio e a discriminação contra essas pessoas (Brugger, 2007, p. 151).

Comentários racistas, xenofóbicos, surgimento de páginas neonazistas na internet, bem como de intolerância religiosa passaram a fazer parte da sociedade conectada pela internet e suas redes sociais. Os grupos que já eram vulneráveis passaram a estar mais suscetíveis a agressões, agora feitas por milhões de pessoas que, unidas por um pensamento em comum agressivo, destilam seu ódio nas redes.

Para Bauman (2016), pessoas solitárias tendem a “colocar para dormir a razão e a moral” ao estarem diante de um dispositivo computacional e se depararem com outras pessoas solitárias nas redes. Ainda, para ele, a culpa do aumento de pessoas moralmente cegas e surdas nas redes não pode ser atribuída à internet, ela apenas facilita esse crescimento.

O medo é um dos fatores que contribui para o crescimento de ódios nas sociedades contemporâneas, facilitando o discurso da securitização e da intolerância. Conforme Bauman (2017, p. 34), a securitização é uma espécie de truque de mágica, calculado para ser exatamente dessa forma. Ela significa desviar a ansiedade dos problemas reais que os governos são incapazes de enfrentar (ou não tem muito interesse em fazê-lo) para alguns outros com os quais os governantes aparecem lidando com energia e com sucesso.

Rigon e Felix (2018, p. 4) afirmam que o medo se torna um problema quando paralisa as ações humanas, elimina relações sociais, constrói muros e não pontes, favorece preconceitos e não o respeito à diversidade, recompensa a ignorância e despreza a inteligência, privilegia a estupidez em detrimento do conhecimento, idolatra a violência e despreza a paz, “torna-se paranoico e abdica da realidade, nega o amor e embriaga-se de ódio”. É justamente nessa estreita relação entre o medo e o ódio que grupos políticos se aproveitam – por meio de estratégias de retórica, reforçadas pela imprensa – para avançar suas agendas políticas mais favoráveis ao *status quo*, muitas vezes contrárias à efetivação dos direitos humanos consagrados em documentos internacionais, por exemplo.

Glassner (2010, p. 3) diz que a sociedade moderna vive sob a influência de uma “cultura do medo”, na qual existe, realmente, uma exploração política desse sentimento primitivo, para manipular as massas, a fim de controlar até mesmo seus anseios de consumo. Para o autor, a sociedade moderna se aflige com problemas frívolos, contrários à realidade dos fatos, mas que são, de algum modo, criados e reproduzidos por organizações influentes, políticos e pela mídia. Desse modo, os propagadores do medo colocam sua sabedoria em uso, descrevendo possíveis perigos como desastres iminentes.

Compreender as estratégias e os instrumentos utilizados por esses grupos políticos na tentativa de estigmatizar e gerar um sentimento de ódio contra imigrantes se revela de suma importância no cenário atual, e é justamente este o objetivo deste trabalho.

3 A EXPLORAÇÃO POLÍTICA DO MEDO CONTRA IMIGRANTES: A RETÓRICA DA AMEAÇA

Mas, afinal, como o medo e a insegurança são utilizados como instrumentos de controle, incentivando o ódio e a repulsa aos imigrantes? A resposta pode ser encontrada na retórica da ameaça. Nos últimos anos, tem-se relacionado a imigração internacional à ideia de ameaça à segurança nacional e ao mercado de trabalho dos habitantes locais. Considerando que toda questão pública pode ser securitizada, isso não é diferente com a imigração. Ou seja, a imigração pode ser apresentada como uma ameaça existencial (Contrera, Mariano e Menezes, 2022, p. 2-3).

Todavia, para que uma empreitada de criação de uma ameaça tenha sucesso, é necessário mais do que a atuação dos agentes políticos securitizadores. É preciso, acima de tudo, de apoio da opinião pública, isto é, é necessária a legitimação pública (Buzan, Waever e Wilde, 1998).

A securitização e o medo da imigração se desenvolvem a partir de narrativas que apontam os imigrantes como uma ameaça à ordem pública, ao mercado de trabalho e à própria identidade da sociedade (Huysmans, 2000, p. 753). Além disso, eles são constantemente associados aos delinquentes e facínoras, suscetíveis ao tráfico de drogas e ao terrorismo (Contrera, Mariano e Menezes, 2022, p. 2). De acordo com Glassner (2010, p. 23-24), o perigo então criado, a potencial ameaça, não precisa ser real, e muitas vezes não o é, mas basta que ela seja sentida e percebida como real. Ou seja, é suficiente que a opinião pública “compre” e compreenda a ameaça como sendo real.

Não se trata, propriamente, de uma falta de inteligência das pessoas que acreditam em tais ameaças, mas, sim, da credibilidade que é passada pelos narradores profissionais na transformação de algo implausível em crível (Glassner, 2010, p. 207). As estratégias utilizadas se baseiam no uso de anedotas comoventes no lugar de evidências científicas, batismo de incidentes isolados como tendências e representações de categorias inteiras de pessoas como perigosas por natureza, como, no caso, os imigrantes. Tais informações manipuladas e bem administradas induzem a opinião pública a perceber a ideia da ameaça como iminente e catastrófica.

Conforme Contrera, Mariano e Menezes (2022, p. 2-4), a retórica da ameaça está associada aos movimentos de securitização em três diferentes setores: militar, econômico e societal. No que diz respeito ao setor militar, o discurso da ameaça da imigração é construído a partir da associação entre altas taxas de criminalidade e o fluxo migratório, o que acaba legitimando agendas políticas de restrição migratória, sobretudo em controle rígido de fronteiras nacionais. No setor econômico, a ameaça é vendida sob o argumento de que os imigrantes retiram empregos de nativos, além da sua presença levar à depreciação dos salários

e à sobrecarga dos serviços públicos, como educação, transporte e saneamento, enquanto ameaça à qualidade de vida dos locais. Por fim, pelo ponto de vista social, a imigração é encarada como uma ameaça à coesão da sociedade, uma vez que provoca uma alteração na composição da população, ameaçando as culturas domésticas.

A partir desses discursos extremistas e da criação de estereótipos negativos sobre os imigrantes, grupos políticos têm explorado o medo e a insegurança da população em relação a eles, sobretudo na intenção de fazer avançar suas agendas e obter apoio político. A exploração política do medo tem sido utilizada como uma estratégia para conquistar votos e dissimular outros problemas, ou, ainda, para fortalecer uma agenda específica, como a do controle rígido de fronteiras, por exemplo.

Essas estratégias acabam sugestionando a população a uma sensação de insegurança e podem estimular atitudes hostis em relação aos imigrantes. Esse fenômeno é explicado por Hirschman (1992, p. 90) sob a denominação de “tese da ameaça”, que diz respeito, justamente, a uma tendência de pessoas a reagir de forma defensiva ao perceberem uma ameaça à sua segurança, ao seu bem-estar, ou seja, ao seu “*status quo*”. Desse modo, ao se sentirem ameaçadas pela presença de imigrantes na sociedade, as pessoas tendem a agir de forma defensiva, o que pode desembocar em ações xenofóbicas, discursos de ódio, discriminação, segregação e até mesmo violência. Na busca por proteger “seu” território, os habitantes locais podem rejeitar os imigrantes.

Para Sen (2015, p. 11), as “violências e atrocidades dos últimos anos introduziram um período de terrível confusão e pavorosos conflitos”. De acordo com o autor, o mundo tem sido visto, cada vez mais, ainda que implicitamente, como uma federação de religiões ou civilizações, de modo a ignorar todas as demais formas pelas quais as pessoas enxergam a si mesmas. Ao lado dessa linha de pensamento está a antiga ideia de que os povos do mundo podem ser classificados exclusivamente de acordo com um sistema de divisão singular e abrangente, de maneira hierarquizada. A ilusão do destino, sobretudo no que diz respeito a algumas identidades singulares, alimenta a violência no mundo por meio de omissões e ações (Sen, 2015, p. 14).

Ainda dentro do pensamento de Hirschman (1992, p. 18), encontra-se outra teoria que pode ser visualizada no contexto de exploração política do medo dos imigrantes, a tese da reação perversa ou tese da perversidade. Essa tese se fundamenta no argumento de que “a tentativa de empurrar a sociedade em determinada direção fará com que ela, sim, se mova, mas na direção contrária”. Desse modo, ao explorar o medo e a sensação de insegurança da população em relação aos imigrantes, pode existir a retroalimentação de sentimentos de intolerância e

de xenofobia, levando a um aumento na discriminação e nos preconceitos contra essas pessoas, transformando o meio social em um ambiente hostil.

Um fator determinante das chances de pessoas adquirirem uma determinada crença política é o quanto elas sentem que seja coerente com suas crenças atuais (Dahl, 2015, p. 165). Assim, em sociedades mais ou menos homogêneas, a aceitação e recepção de imigrantes é mais difícil, sobretudo se o fluxo migratório é formado por pessoas étnica e culturalmente diferentes. Portanto, nesses casos, é mais fácil que a propaganda negativa e as distorções sobre essas pessoas sejam mais bem aceitas socialmente. Quando novas ideias entram em choque com crenças antigas e solidamente aceitas, é necessária uma carga enorme de percepções contraditórias baseadas em informações objetivas para provocar a perda de confiança nesta crença (Dahl, 2015, p. 165).

Além disso, outro efeito adverso que também pode ocorrer com a adoção de estratégias de incentivo do medo contra imigrantes internacionais é o fortalecimento de grupos extremistas de cunho xenófobo, por meio da legitimação de discursos discriminatórios por parte de grupos e facções políticas determinadas. E, claro, a tendência é que com a adoção de políticas de marginalização e inferiorização dos imigrantes, sua integração à sociedade seja cada vez mais difícil, o que pode culminar no agravamento de problemas sociais, como a guetização e a criminalização.

Na sequência, apresentam-se exemplos reais de estratégias de exploração do medo e disseminação de discursos de ódio contra imigrantes nos últimos anos, em casos concretos de repercussão contra o direito de migrar.

4 UMA LEITURA DA EXPLORAÇÃO DO MEDO CONTRA IMIGRANTES INTERNACIONAIS

O contexto global recente evidenciou o fortalecimento do sentimento de aversão aos imigrantes internacionais (também conhecido como xenofobia) em diversos países do mundo, o qual está associado a um fenômeno de reação ao mundo globalizado: o nacionalismo exacerbado.

De acordo com Carvalho (2016, p. 27), o nacionalismo é utilizado para mobilização patriótica, tanto por democracias como por ditaduras, por governos de esquerda e de direita. Funciona como elemento de coesão política, mas também pode funcionar como fator de exclusão social e política.

Atualmente, observou-se uma ascensão do nacionalismo de extrema-direita em diversos países do mundo que possuem discursos belicosos e altamente xenófobos contra os imigrantes. Grupos políticos da extrema-direita nacionalista têm se utilizado de discursos populistas, muitas vezes falaciosos ou superficiais, canalizando a opinião pública (Novaes, 2018, p. 96). Muñoz (2017, p. 73) explica que

a máscara do discurso nacionalista é justamente acusar de forma incendiária o fracasso do modelo neoliberal e provocar na opinião pública um clamor social que permeia amplos setores da sociedade que se sentem excluídos pelo regime.

Ainda segundo a autora, essa é a razão que justifica o resultado do Brexit e a ascensão de Donald Trump nos Estados Unidos. No fenômeno do Brexit, por exemplo, o Reino Unido demonstrou sua preferência ao descolamento da União Europeia, em virtude de uma recusa ao modelo europeu de integração, sobretudo no que diz respeito ao posicionamento do bloco em relação aos movimentos migratórios. Essa condição foi aproveitada pelos grupos “eurofóbicos”, que conquistaram a separação da União Europeia mediante um mecanismo legal e legítimo de participação cidadã, o referendo (Muñoz, 2017, p. 73).

Nesse ponto, como bem assinala a autora, é importante observar a grande importância das elites políticas na conformação e no direcionamento da opinião pública. Trata-se de uma questão que podemos observar com maior ênfase nos processos eleitorais em que os grandes partidos políticos se apresentam como os principais fornecedores de informação e comunicação dirigidas aos cidadãos (Muñoz, 2017, p. 73-74).

Nos Estados Unidos, a campanha política do candidato republicano Donald Trump, à exemplo da anterior (que lhe rendeu um primeiro mandato), foi marcada pela utilização do medo como instrumento político para consolidar apoios, notadamente no que toca à questão da imigração e construção de muros na fronteira com o México. Desde sua primeira candidatura, Trump buscou retratar os imigrantes internacionais como uma ameaça à segurança e cultura norte-americanas, mediante uma postura declaradamente hostil às políticas migratórias inclusivas. Ele claramente utilizou-se da estratégia de criação de uma “ameaça externa”, a fim de alimentar o medo na população norte-americana, sugerindo que os imigrantes seriam os culpados por diversos problemas vividos pelo país. Isso sucedeu-se ao ponto de, durante a campanha do Partido Democrata em 2020, a ex-procuradora-geral da Califórnia, Kamala Harris (candidata democrata derrotada em 2024), descrever repetidamente o tratamento dispensado pelo presidente Trump aos requerentes de asilo como um crime contra a humanidade (Mann, 2021, p. 1174). Esse tipo de retórica traduz o conceito de “cultura do medo”, de Glassner, em que o medo do “outro” acaba moldando percepções sociais e políticas.

Em um debate público entre candidatos à presidência, Donald Trump alegou que, em Springfield, no estado de Ohio, imigrantes estariam comendo animais de estimação, como cachorros e gatos. Além disso, também afirmou que há milhões de imigrantes que chegam aos Estados Unidos vindos de prisões, instituições psiquiátricas e manicômios. Tais informações foram rapidamente desmentidas, ao vivo, por um dos mediadores do debate (Anatomia..., 2024).

Tal exemplo ilustra as estratégias de dominação por meio de narrativas fantasiosas e desumanizadoras sobre os imigrantes, associando-os a práticas repugnantes a fim de alimentar o medo e a repulsa das pessoas.

Em sua primeira campanha à presidência dos Estados Unidos (que culminou com sua eleição ao cargo no final de 2016), Donald Trump também se utilizou de um discurso radical no sentido de securitizar a questão da imigração, reativando antigos preconceitos nas leis migratórias americanas, que buscavam garantir a homogeneidade étnica e cultural da população. Sob uma retórica que acusava os imigrantes de estarem “roubando” os empregos dos americanos nativos, bem como associando o imigrante ao crescimento da violência cotidiana, Trump “vendeu” a imagem do imigrante como uma ameaça, que foi prontamente comprada pela população americana (Contrera, Mariano e Menezes, 2022, p. 13).

De acordo com Glassner (2010, p. 208-209), o sucesso de um susto não depende de quão bem ele é expresso, mas também de quão bem ele expressa ansiedades culturais mais profundas. No caso norte americano, há tempos que preocupações em relação a entrada de imigrantes no país incomodam a população, com histórico preconceituoso e seletivo.

Um conjunto de estudos realizados concluiu que os imigrantes são menos propensos que os nativos a se envolver em comportamentos “antissociais”, violentos ou não. Ainda, de acordo com dados coletados, cerca de 1,6% de homens imigrantes com idades entre 18 e 39 anos estavam presos nos Estados Unidos, contra 3,3% de americanos nativos com a mesma idade na mesma situação (Ewing, Martínez e Rumbaut, 2015, p. 4).

No entanto, apesar de evidências reais e empíricas de que o fenômeno da imigração não está associado a elevadas taxas de criminalidade e de que os imigrantes sejam menos propensos a crimes do que os americanos nativos, diversos grupos políticos, congregações religiosas e organizações de extrema direita alimentam esse preconceito mediante um estigma do imigrante. E por se tratar de instituições influentes, formam a opinião pública por meio de suas concepções (Sopelsa, 2017, p. 72-73).

Ao vender a imagem de que os imigrantes estariam roubando os Estados Unidos, por meio dos postos de trabalho e do dinheiro, Donald Trump ainda se apresentou como o salvador da pátria, aquele que iria defender a nação de todos esses males. Entre tantas falas do presidente, destaca-se a seguinte, proferida durante sua primeira campanha ao posto mais alto do Executivo norte-americano: “Eu trarei de volta nossos empregos da China, do México, do Japão, de tantos outros lugares... e eu trarei de volta nosso dinheiro” (‘I will...’, 2015, tradução nossa).³ Contudo, embora a ideia tenha sido vendida com enorme radicalismo

3. “I’ll bring back our jobs from China, from Mexico, from Japan, from so many places... and I’ll bring back our money.”

pelo presidente Donald Trump, segundo a pesquisa de Felbab-Brown (2017), o impacto do trabalho imigrante nos salários dos nativos é baixo. Além disso, os imigrantes indocumentados geralmente ocupam postos de trabalhos desagradáveis e extenuantes, os quais os nativos não estão dispostos a ocupar.

Os discursos de Donald Trump no comando dos Estados Unidos levaram ao enrijecimento de políticas migratórias daquele país, com o fortalecimento da “máquina de deportações”, suspensão de direito de asilo e de benefícios de proteção humanitária e até encabeçou uma empreitada para a construção de um muro separando os Estados Unidos e o México. Sob um discurso que pregava o “nós contra eles”, Trump fez diversas de suas agendas políticas avançarem, principalmente em relação aos imigrantes mexicanos e muçulmanos, estes últimos associados ao ódio, extremismo e terrorismo (Contrera, Mariano e Menezes, 2022, p. 3-7).

Tal política de endurecimento nos pedidos de asilo, em certa medida, teve continuidade com seu sucessor, Joe Biden. Os locais de detenção na fronteira com o México acabaram por tornar-se símbolo de um processo confuso de pedidos de asilo nos Estados Unidos, precisando claramente de uma reforma total. Em um abrangente decreto anunciado em 2024, o presidente estabeleceu proibições para solicitantes de refúgio que permitem que autoridades migratórias deportem rapidamente imigrantes que atravessarem irregularmente a fronteira com o México de volta para seus países de origem ou retornando-os para o México. Os defensores dos imigrantes criticaram a decisão de Biden, dizendo que ela espelha ações rígidas do seu antecessor republicano, o presidente Donald Trump (Trotta, 2024).

Agora que foi novamente eleito, Trump promete endurecer ainda mais a política migratória dos Estados Unidos. Em seu discurso de vitória na Flórida, o novo presidente afirmou que não vai descansar até devolver aos norte-americanos uma espécie de “era de ouro”, que, segundo ele, passa pelo fechamento das fronteiras e por uma ampla política de deportação em massa. Para cumprir esses objetivos ousados, o novo governo vai buscar aumentar a alocação de recursos, expandir os locais de detenção, além de contratar mais juízes de imigração. Apesar de Trump e seus apoiadores defenderem que essa política deve trazer mais segurança aos cidadãos norte-americanos, analistas como o Conselho Americano de Imigração alertam para o custo social e econômico dessa abordagem, calculado em torno de US\$ 968 bilhões para deportar todos os imigrantes irregulares ao longo de uma década (Fronteiras..., 2024).

Outros casos que chamam a atenção vêm do continente europeu. Grupos de extremistas têm alimentado discursos xenófobos, tais como a Frente Nacional Francesa e o Partido da Liberdade da Áustria, que embasam seu discurso na aversão aos imigrantes e ao islamismo (Líder..., 2017). Vale dizer que na Europa a xenofobia está associada ao racismo e à exclusão social. Isso porque a aversão

ao imigrante é intensificada quando pautada em aspectos étnicos, linguísticos, culturais e religiosos. Desse modo, essas diferenças físicas e culturais entre europeus e não europeus são exploradas pelos grupos de extrema direita, para construir um discurso de medo e buscar a harmonização por meio do darwinismo social. No caso, há o medo da perda da identidade nacional-cultural (Figueira, 2015).

Na Inglaterra, como anteriormente mencionado, o Brexit representou um ápice no que diz respeito à posição anti-imigração do Reino Unido. Além de questões de ordem econômica, a campanha “pró-retirada” foi liderada por grupos políticos de extrema direita e explorou o discurso populista anti-imigração (Costa, 2017, p. 157). O discurso anti-imigração e nacionalista se pautou em raízes identitárias do Reino Unido, oriundas do período colonial (Costa e Vieira, 2019, p. 151).

O crescimento desse discurso nacionalista anti-imigração surgiu no contexto europeu de uma denominada “crise de refugiados” em 2015 com milhares de pessoas cruzando o mar mediterrâneo em embarcações precárias, sem apoio humanitário e causando uma grande comoção internacional. Mais tarde, isso terminaria em um saldo de centenas de mortos e desaparecidos ao longo do processo, desencadeando o enrijecimento da política da União Europeia, que acabaria contribuindo para o fenômeno do Brexit no Reino Unido. Em 23 de junho de 2016, durante a crise de refugiados, a saída britânica da União Europeia foi votada, apelidada pelos partidários como Brexit, nome formado pela união das palavras em inglês *British* (britânica) e *exit* (saída) (Borges e Silva, 2022, p. 56).

Nesse contexto, surgiu no Reino Unido um intenso sentimento nacionalista exacerbado, por intermédio de um discurso isolacionista do Partido Conservador britânico, apoiado por cidadãos inconformados pela crise econômica advinda desde 2008, e que terminaria desembocando no denominado Brexit. Com a consequente retirada do Reino Unido da União Europeia e o fim da influência que as normas europeias exerciam na política para refugiados dentro da Grã-Bretanha, nasceu então uma profunda reforma no sistema migratório britânico capaz de minar os direitos dos refugiados naquela região (Borges e Silva, 2022, p. 60).

Já na Itália, o cenário que não era favorável à imigração e à integração se consolidou com a vitória de Giorgia Meloni como primeira-ministra italiana, símbolo da extrema direita. Para alcançar o poder, sua estratégia incluiu o discurso contra os imigrantes. A campanha da primeira-ministra se utilizou de um vídeo de estupro nas redes sociais para explorar seu tema preferido: a segurança. O vídeo foi compartilhado por diversos jornais italianos e recebeu a atenção de Meloni, ao se manifestar: “Não podemos permanecer em silêncio diante deste terrível episódio de violência sexual contra uma mulher ucraniana, em plena luz do dia, em Piacenza, por um requerente de asilo” (Giorgia..., 2022). O uso da expressão

“requerente de asilo” para se referir a um agressor sexual conota uma mensagem subliminar de que havia um problema causado por uma política de imigração liberal por parte do governo da época (Líder..., 2022).

A líder italiana, com sua retórica extremista, tem moldado a política e o debate público a respeito da imigração na Itália. Seus discursos públicos constantes, colocando-se contra os imigrantes, sobretudo do Norte da África, têm apresentado enorme capacidade de capturar uma parcela substancial da população italiana em torno de suas perspectivas de que a imigração seja uma ameaça à identidade nacional (Buzan e Hansen, 2012, p. 322). A prevalência dessa visão de mundo por parte da primeira-ministra, reverberada por parte da população, impacta as políticas governamentais, tornando-as mais restritivas e menos receptivas aos imigrantes internacionais.

O caso da Hungria, por seu turno, chama muito a atenção, pois além da realização de um referendo que trata da recepção de refugiados, também há o projeto de uma nova Constituição autoritária, tendo em vista que Viktor Orbán se reelegeu pela quarta vez consecutiva com base eminentemente no discurso da segurança e dos valores locais. O líder ultranacionalista confirmou que no atual mandato manterá as políticas centradas na defesa das fronteiras nacionais e na família tradicional e o foco na proteção de menores de idade. O país tem sido palco de movimentos de extrema-direita, que se utilizam de ódio contra minorias e antissemitismo como formas de propaganda e ação (Novaes, 2018, p. 99), tal como criar zonas de detenção nas fronteiras e impedir os imigrantes de entrar.

Durante muito tempo a retórica e as políticas anti-imigração foram as características marcantes da política externa de Viktor Orbán. O país europeu, outrora símbolo do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR),⁴ construiu uma cerca na sua fronteira sul após a crise migratória de 2015 e impôs algumas das normas de asilo mais rigorosas do continente, negando o ideal de desenvolvimento sustentável na fronteira sul do país. Rejeitando a imigração como solução para o declínio demográfico da Hungria, o líder húngaro prometeu aumentar as taxas de natalidade com a ajuda de uma tributação favorável às famílias tradicionais (Quem..., 2024).

Orbán afirmava que “todos os terroristas são imigrantes”, fornecendo a chave mestra para uma efetiva luta do governo pela sobrevivência e continuidade no poder. Os ganhos políticos foram imediatos internamente, enquanto os custos limitaram-se à construção de uma cerca de 4 metros de altura ao longo dos 176 km da fronteira com a Sérvia (Bauman, 2017, p. 35). Ele também se

4. O primeiro grande teste de atuação do ACNUR consistiu no êxodo de refugiados da Hungria após a repressão da sublevação de 1956 pelos soviéticos. Este êxodo em direção à Áustria e à antiga Iugoslávia proporcionou ao ACNUR a sua primeira grande experiência com um fluxo maciço de refugiados fugindo de repressão política.

apresentou como um defensor da identidade cultural húngara contra a imigração muçulmana de sírios e outros povos do Oriente Médio, além de um protetor dos chamados valores cristãos contra a denominada ideologia de gênero e LGBTQI+ e o liberalismo ocidental.

O país, que em um passado não muito distante foi palco da primeira e histórica ação do ACNUR, parece retroceder na defesa de imigrantes e refugiados. No passado, cerca de 200 mil húngaros tiveram que fugir de sua terra em direção a outros Estados nacionais, sendo reinstalados em cerca de 35 países por todo o mundo (ACNUR, 2000, p. 30). Ao final de 1956, havia cerca de 115.851 pessoas oficialmente registradas como tendo chegado em terras austríacas. Homens, mulheres e crianças fugiam arrastando malas e seus pertences. Seguiam caminho semelhante que havia sido percorrido doze anos antes por dezenas de milhares de judeus húngaros, deportados pelos nazistas (ACNUR, 2000, p. 30).

Entre dezembro de 1956 e janeiro de 1957, chegaram à Áustria mais 56 mil refugiados vindos da Hungria para se juntarem aos já instalados. As chegadas foram diminuindo ao longo do tempo principalmente porque o controle de fronteiras foi se tornando cada vez mais rígido tendo em vista o novo regime político de Budapeste, instaurado pelos soviéticos, liderado por János Kádár (ACNUR, 2000, p. 30). Veja, são os atuais governantes deste país-símbolo, a Hungria, que outrora passou por longos períodos de fluxos migratórios e experiências traumáticas na produção de migrações forçadas, que agora fecham suas fronteiras nacionais e impõem estereótipos sobre imigrantes, porque advindos do Oriente Médio, alimentando graus de xenofobia e de aversão aos deslocados perante a população local.

O ACNUR vem declarando há muito tempo que essa luta contra a xenofobia tem caráter global. Ou seja, para esse organismo a comunidade internacional tem dado passos certos na direção adequada, ainda que ocorram violações sistemáticas e recorrentes aos direitos dos imigrantes (ACNUR, 2006, p. 81). Desde 2001, a Declaração e o Programa de Ação da Conferência Mundial contra o Racismo e a Xenofobia, em Durban, contém quinze parágrafos referentes aos refugiados e imigrantes, em que se fala sobre respeito, tratamento equitativo, combate a todas as formas de discriminação, soluções duradouras, responsabilidade compartilhada dos Estados e defesa da Convenção de Genebra de 1951 e seu Protocolo Adicional de 1967 (ACNUR, 2006, p. 81). E afirmam, sobretudo, que o racismo, a xenofobia e a intolerância correlata constituem a negação dos propósitos e princípios da Carta das Nações Unidas.

Esses documentos normativos fazem parte dos regimes de proteção dos direitos humanos em âmbito global (Krasner, 1983, p. 2-3). E como tal, estabelecem normas de comportamento definidas em termos de direitos e obrigações

dos atores internacionais, ou seja, os Estados nacionais precisam observar minimamente os princípios de governança global. Tais princípios incluem regras, normas, procedimentos que regularizam comportamentos e o controle de seus efeitos, evitando estratégias que violem os direitos dos imigrantes e refugiados (Krasner, 1983, p. 2-3). Essa medida é necessária levando em conta que os efeitos gerados pelo uso dessas estratégias são nefastos, tanto para os imigrantes como para a própria sociedade receptora, pois configuram verdadeiros obstáculos à coesão social e ao desenvolvimento e integração sustentável na relação bilateral: sociedade receptora e fluxos migratórios, particularmente nos primeiros contatos em zonas de fronteira.

5 O MEDO E O ÓDIO COMO OBSTÁCULOS À COESÃO SOCIAL E CONVIVÊNCIA MULTICULTURAL

A exploração política do medo contra imigrantes pode gerar reações na população (teoria da reação de Hirschman), expressas em situações que chegam a beirar o fascismo, por meio do uso de discursos de ódio e repulsa ao “outro”, ao “diferente”, encarado e vendido como uma ameaça à pretensa estabilidade da “ordem” e economia mundiais (Santos, 2016, p. 9). Esses preconceitos dificultam a integração e a permanência dos imigrantes na sociedade, colocando verdadeiros obstáculos à consolidação da cidadania.

De acordo com Redin (2013, p. 24), há uma verdadeira legitimação da violação de direitos dos imigrantes, por meio dos princípios autoridade/poder/Estado/vontade geral, condenando o imigrante a uma vida sem expressão e excluindo-o de qualquer participação política ativa dentro da sociedade, que apenas o coloca “à margem”, valorizando o sujeito coletivo em detrimento da pessoa humana.

Ainda que existentes as formas tradicionais de xenofobia, atualmente ela tem se manifestado cada vez mais por meio de publicações individuais ou coletivas em redes sociais. Nestas, os “nacionais” buscam limitar a aceitação e as oportunidades e condições de vida digna ao imigrante, pela propagação do sentimento de proeminência diante daquele que é considerado sistematicamente escravo econômico, e não um ser humano cuja condição social deve ser valorizada (Martins e Antunes, 2016, p. 3).

Waldron (2012, p. 4) afirma que as pessoas são diversas na etnia, raça, aparência e nas religiões. E as pessoas acabaram embarcando em uma grande experiência de viver e trabalhar juntas, apesar das diferenças. Cada grupo deve aceitar que a sociedade não é feita apenas para ele, mas para ele junto com todos os outros. E cada pessoa, cada membro de um grupo, deve ser capaz de cuidar de seus negócios, com a segurança de que não haverá necessidade de enfrentar hostilidade, violência, discriminação ou exclusão por outros.

Nesse mesmo sentido, Sen (2015, p. 46) afirma que cada um de nós pode assumir diferentes identidades no seio de uma sociedade. Afinal, de acordo com o autor, os seres humanos são diversamente diferentes, de modo que pertencem a diferentes categorias simultaneamente.

Eu posso ser, ao mesmo tempo, um cidadão asiático, um indiano, um bengali com antepassados de Bangladesh, um residente dos Estados Unidos ou da Inglaterra, um economista, um diletante em filosofia, um escritor, um sanscritista, um adepto do secularismo e da democracia, um homem, uma feminista, um homossexual, um defensor dos direitos dos gays e lésbicas, com estilo de vida não religioso, de antecedentes hindus, um não brâmane, um descrente na vida após a morte (Sen, 2015, p. 46).

O autor enfatiza, ainda, a necessidade de reconhecimento de que as identidades são fortemente plurais e que a importância de uma não precisa eliminar a importância das demais (Sen, 2015, p. 46). É necessário que haja, acima de tudo, um respeito mútuo. Quando a garantia de respeito mútuo é transmitida com eficácia, seus efeitos são praticamente imperceptíveis, de tão naturais; é algo no que a sociedade pode confiar, como a pureza do ar ou a qualidade da água que se bebe. Esse senso de segurança no espaço comum é um bem público e todos devem contribuir para sua manutenção, em prol do bem comum.

Discursos de ódio prejudicam esse bem público ou tornam a tarefa de mantê-lo muito mais difícil do que seria. O prejuízo se dá não apenas insinuando a discriminação e a violência, mas também despertando pesadelos vivos na sociedade. Ao fazer isso, cria-se uma espécie de “ameaça ambiental” à paz: um veneno de ação lenta, que vai se acumulando aqui e ali, palavra por palavra, de modo que eventualmente se torna mais difícil e menos natural até mesmo para os membros de bom coração da sociedade “jogar sua parte” na manutenção desse bem público (Waldron, 2012, p. 4).

Waldron (2012, p. 4) ainda explica que todas as pessoas são membros de uma sociedade, contribuem com ela e por isso devem ser tratadas com dignidade, uma dignidade além da aura kantiana. Trata-se de sua posição social, os fundamentos de reputação básica que as autorizam a serem tratadas como iguais. Os discursos de ódio servem justamente para minar isso, ou seja, para comprometer a dignidade das pessoas às quais eles se dirigem, tanto aos seus próprios olhos como aos olhos da sociedade. Eles visam manchar os fundamentos de sua reputação, associando características como etnia, raça ou religião com atributos que desqualificam uma pessoa de ser tratada como membro da sociedade.

Desse modo, é necessário que existam políticas de conscientização da sociedade, sobretudo acerca do papel do imigrante na sociedade de acolhida, por meio de campanhas, e principalmente, da educação. Uma comunidade consciente

dos problemas reais e da importância da valorização da dignidade de cada um não se torna uma presa fácil de discursos falaciosos que buscam criar e alimentar falsas ameaças. As pessoas devem estar atentas aos problemas que realmente têm relevância e cujo enfrentamento é necessário em prol de um bem maior. Aprender a conviver com as diferenças é absolutamente imprescindível em um mundo globalizado e cosmopolita. As sociedades têm muito mais a ganhar do que a perder com a plena inclusão de pessoas de culturas diferentes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, as estratégias de dominação social assumiram outra conotação, a partir da exploração de um sentimento humano primitivo: o medo. As razões para tanto podem ser explicadas aplicando-se a teoria da modernidade líquida de Zygmunt Bauman, segundo a qual os medos da sociedade contemporânea se renovam todos os dias. Há sempre algo novo para temer.

Esse sentimento de insegurança passa então a ser explorado de forma racional por grupos políticos, os quais, por meio de discursos extremistas sobre ameaças iminentes, e buscando consolidar seu poder e avançar suas agendas políticas, alimentam o medo do desconhecido por parte das pessoas. É o que Barry Glassner trata como “cultura do medo”.

Um dos maiores medos alimentados nos últimos anos é a aversão aos imigrantes internacionais. O discurso securitário anuncia os imigrantes como verdadeiras ameaças à segurança nacional e à própria identidade de um país, de modo a justificar intervenções estatais em questões ligadas às políticas migratórias, promovendo o avanço de agendas internas de securitização e controle rígido dos fluxos migratórios.

Entretanto, alimentar esse tipo de medo pode gerar reações imprevisíveis na sociedade. Um dos efeitos deletérios consequentes, conforme as teorias da reação de Hirschman (perversidade e ameaça), é o crescimento do sentimento de ódio e aversão aos imigrantes por parte da população receptora. Esse sentimento pode culminar em exclusão social, comportamentos violentos vinculados à xenofobia e aumento de estereótipos de pessoas classificadas como cidadãos de segunda classe, inferiorizados como seres humanos.

Este trabalho buscou trazer casos evidentes da utilização desses artifícios e estratégias em sociedades contemporâneas, como ocorre, por exemplo, nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Itália e na Hungria, com agendas políticas de ataque aos imigrantes internacionais e suas condições migratórias. A partir de discursos falaciosos e utilizando narrativas distorcidas sobre fatos sociais, os líderes políticos dessas nações criaram expectativas perversas acerca da ameaça que os imigrantes representam aos seus países, sobretudo aqueles que atravessam

as fronteiras de maneira irregular, considerados “ilegais” para a imprensa e parte das populações locais.

A exploração do medo contra imigrantes deve ser estudada e compreendida, a fim de que sejam adotadas medidas capazes de coibi-la. Uma sociedade saudável é aquela em que todas as pessoas se respeitam mutuamente e entendem a importância de cada uma no seio social. A dignidade da pessoa humana deve ser sempre a máxima ao se pensar no desenvolvimento de políticas.

REFERÊNCIAS

ACNUR – ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. **A situação dos refugiados no mundo**: cinquenta anos de ação humanitária. Tradução de Isabel Galvão. Almada: Artes Gráficas, 2000.

_____. **La situación de los refugiados en el mundo**: desplazamientos humanos en el nuevo milenio. Barcelona: Icaria Editorial, 2006.

AESCHIMANN, Eric. Como sair do ódio? Uma entrevista com Jacques Rancière. **Blog da Boitempo**, 10 maio 2016. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/05/10/como-sair-do-odio-uma-entrevista-com-jacques-ranciere/>. Acesso em: 7 jul. 2023.

ANATOMIA de um boato: de onde Trump tirou história de que imigrantes comem pets de americanos. **G1**, 11 set. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2024/noticia/2024/09/11/anatomia-de-um-boato-de-onde-trump-tirou-historia-de-que-imigrantes-comem-pets-de-cidadaos-dos-eua.gh.html>. Acesso em: 23 set. 2024.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. Internet: o ódio que suspende a ética. **Instituto Humanitas Unisinos**, 1º fev. 2016. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/551291-internet-o-odio-que-suspende-a-etica-artigo-de-zygmunt-bauman>. Acesso em: 6 jun. 2023.

_____. **Estranhos à nossa porta**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BORGES, Camila Felício; SILVA, César Augusto Silva da. O direito dos refugiados com o Brexit. In: SILVA, César Augusto S. da (Org.). **Reflexões e perspectivas comparadas das migrações e do direito internacional dos refugiados**. Campo Grande: UFMS, 2022. p. 31-89.

BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso do ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. **Direito Público**, Porto Alegre, ano 4, n. 15, p. 117-136, jan./mar. 2007.

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. **A evolução dos estudos de segurança internacional**. Tradução de Flávio Lira. São Paulo: Unesp, 2012.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole; WILDE, Jaap. **Security: a new framework for analysis**. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1998.

CARVALHO, Luís F. **O recrudescimento do nacionalismo catalão: estudo de caso sobre o lugar da nação no século XXI**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2016.

CONTRERA, Flávio; MARIANO, Karina L. P.; MENEZES, Roberto G. Retórica da ameaça e securitização: a política migratória dos Estados Unidos na administração Trump. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 37, n. 108, 2022.

COSTA, Olivier. **A União Europeia e sua política exterior: história, instituições e processo de tomada de decisão**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017.

COSTA, Vitória V.; VIEIRA, Luciane K. Nacionalismo, xenofobia e União Europeia: barreiras à livre circulação de pessoas e ameaças ao futuro do bloco europeu. **Revista da Faculdade de Direito**, Curitiba, v. 64, n. 3, p. 133-160, set./dez. 2019.

DAHL, Robert A. **Poliarquia**. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ECO, Umberto. **Migração e intolerância**. Tradução de Eliana Aguiar e Alessandra Bonrruquer. Rio de Janeiro: Record, 2020.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

EWING, Walter A.; MARTÍNEZ, Daniel; RUMBAUT, Rubén G. **The criminalization of immigration in the United States**. Washington: American Immigration Council, July 2015. (Special Report).

FELBAB-BROWN, Vanda. The wall: the real costs of a barrier between the United States and Mexico. **Brookings**, Aug. 2017. Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/the-wall-the-real-costs-of-a-barrier-between-the-united-states-and-mexico/>.

FIGUEIRA, Rickson R. Os refugiados e o dever moral das nações. **MigraMundo**, 26 set. 2015. Disponível em: <https://migramundo.com/os-refugiados-e-o-dever-moral-das-nacoes/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FRONTEIRAS fechadas e deportação em massa: entenda o pacote anti-imigração de Trump. **InfoMoney**, 6 nov. 2024. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mundo/fronteiras-fechadas-e-deportacao-em-massa-entenda-o-pacote-anti-imigracao-de-trump/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

GIORGIA Meloni: a cara da extrema direita da Itália que amedronta a Europa. **Uol**, 22 set. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2022/09/22/giorgia-meloni-a-cara-da-extrema-direita-da-italia-que-amedronta-a-europa.htm>. Acesso em: 7 jul. 2023.

GLASSNER, Barry. **The culture of fear: why americans are afraid of the wrong things**. New York: Basic Books, 2010.

HIRSCHMAN, Albert O. **A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HUYSMANS, Jef. The European Union and the securitization os migration. **Journal os Commom Market Studies**, v. 39, n. 5, p. 751-777, 2000.

‘I WILL be the greatest jobs president that God has ever created’: Trump. **New York Post**, 16 June 2015. Disponível em: <https://nypost.com/2015/06/16/i-will-be-the-greatest-jobs-president-that-god-ever-created-trump/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

KRASNER, Stephen D. **International regimes**. New York: Cornell University Press, 1983.

LÍDER conservador faz acordo e leva extrema direita ao poder na Áustria. **Folha de S.Paulo**, 16 dez. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/12/1943902-lider-conservador-faz-acordo-na-austria-e-poe-extrema-direita-no-poder.shtml>. Acesso em: 7 jul. 2023.

LÍDER ultradireitista italiana é criticada após publicar vídeo de estupro. **G1**, 23 ago. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/08/23/lider-ultradireitista-italiana-e-criticada-apos-publicar-video-de-estupro.ghtml>. Acesso em: 2 jul. 2023.

MANN, Itamar. Border crimes as crimes against humanity. In: COSTELLO, Cathryn; FOSTER, Michelle; MCADAM, Jane. **The Oxford handbook of international refugee law**. Oxford: Oxford University Press, 2021. p. 1174-1190.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

MARTINS, Matheus D.; ANTUNES, Nathália Z. As novas nuances da xenofobia na sociedade informacional: um olhar ao discurso do ódio no âmbito da imigração a partir do caso Cheikh Oumar Foutyou Diba. *In: COLÓQUIO DE ÉTICA, FILOSOFIA POLÍTICA E DIREITO DA UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL*, 3., 2016, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2016.

MUÑOZ, Tania C. V. La transformación de la opinión pública ante el resurgimiento de los nacionalismos. **Revista Mexicana de Opinión Pública**, año 12, n. 23, p. 63-80, jul./dic. 2017.

NOVAES, Elis S. **A ascensão do discurso xenófobo na França**: a contribuição do partido Frente Nacional (1982-2017). 2018. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Humanidades e Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata**: Declaração e Programa de Ação. [s.l.]: ONU; Ministério da Cultura, set. 2001. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/150033-declara%C3%A7%C3%A3o-plano-de-a%C3%A7%C3%A3o-de-durban-2001>. Acesso em: 25 jul. 2024.

QUEM é Viktor Orbán, líder de extrema direita da Hungria. **CNN**, 25 mar. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/quem-e-viktor-orban-lider-de-extrema-direita-da-hungria/>. Acesso em: 25 maio 2024.

REDIN, Giuliana. **Direito de imigrar**: direitos humanos e espaço público. Florianópolis: Conceito Editorial, 2013.

RIGON, Bruno S.; FELIX, Yuri. O discurso de ódio na sociedade em rede: a simbiose entre o medo e o ódio. **Revista da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo**, v. 24, n. 2, 2018.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A parte obscura de nós mesmos**: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SANTOS, Cleusa. **Xenofobia**. Brasília: CFESS, 2016. (Série Assistente Social no Combate ao Preconceito).

SEN, Amartya. **Identidade e violência**: a ilusão do destino. 1. ed. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2015.

SOPELSA, Tamara. **Análise do discurso**: o governo Donald Trump e a securitização da identidade nacional americana. 2017. Monografia (Graduação) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2017.

TROTTA, Daniel. Nova lei de imigração muda realidade na fronteira entre Estados Unidos e México. **Agência Brasil**, 6 jun. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-06/nova-lei-de-imigracao-muda-realidade-na-fronteira-entre-eua-e-mexico>. Acesso em: 7 jul. 2024.

VIEIRA, Luciane K. Brexit: ¿Y ahora? Consecuencias jurídicas de la retirada del Reino Unido de la Unión Europea. **Revista Peruana de Derecho Internacional**, Lima, n. 154, p. 87-104, jun. 2016.

WALDRON, Jeremy. **The harm in the hate speech**. Cambridge, London: Harvard University Press, 2012.

